

Discussões sobre gênero e vulnerabilidade a partir da análise de matérias sobre sexualidade das revistas Capricho e Playboy

Marcela Pastana¹

Ana Cláudia Bortolozzi Maia²

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - Campus de Araraquara - Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar

Resumo: O conceito de vulnerabilidade permite a compreensão da exposição à infecção ao vírus HIV sem reduzi-la ao foco nos comportamentos individuais de não adoção das práticas preventivas, mas considerando fatores culturais que participam do contexto em que os comportamentos ocorrem. Dentre estes fatores, é importante considerar as questões de gênero. Este estudo qualitativo-descritivo teve como objetivo identificar a presença de padrões normativos de sexualidade e gênero em matérias e seções sobre sexo e sexualidade de 18 edições da Revista Capricho e 10 edições da Revista Playboy publicadas em 2010, por meio da análise de conteúdo, discutindo a relação entre os padrões identificados e a forma como as informações sobre prevenção são transmitidas pelo discurso das revistas. Discutiui-se como a escassez de informações e a forma como esses padrões são cristalizados podem contribuir para reforçar a vulnerabilidade.

Palavras-chave: Sexualidade; Gênero; Padrões Normativos; Prevenção; Vulnerabilidade.

¹ marcelapas@gmail.com

² bortolozzimaia@uol.com.br

Introdução

Uma afirmação freqüente nos debates sobre sexualidade e prevenção de gravidez não planejada e DST/aids é que os adolescentes e jovens atualmente têm acesso a muitas informações. É comum que surjam questionamentos sobre o fato de muitas vezes essas informações não se refletirem em suas práticas, por exemplo, através do uso do preservativo em todas as relações sexuais. Desta forma, torna-se importante investigar de que modo essas informações são obtidas e como são transmitidas, para compreender melhor o contexto em que são altos os números de gravidezes não planejadas e contaminação por doenças sexualmente transmissíveis e HIV na adolescência.

A análise a ser apresentada neste texto refere-se a um recorte da pesquisa “*Padrões de Normalidade em Sexualidade e Gênero na Literatura para Adolescentes e Jovens*”, que abordará a forma como as matérias sobre sexualidade das revistas Capricho e Playboy informam sobre o uso do preservativo e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e do HIV/aids, buscando compreender de que forma os padrões normativos de gênero e sexualidade perpassam os discursos analisados.

A partir do conceito de vulnerabilidade torna-se possível compreender a exposição à infecção ao vírus HIV e às DSTs não apenas através do foco nos comportamentos individuais, como a ausência do uso do preservativo, mas buscando fatores culturais que participam do contexto em que os comportamentos ocorrem. Desta forma, considera-se que a forma como as masculinidades e feminilidades são construídas em nossa cultura pode contribuir na compreensão da vulnerabilidade. (Albichequer, 2007; Meyer, Santos, Oliveira & Wilhems, 2004; Meyer; Klein; Andrade, 2007).

Albichequer (2007) ressalta a importância da problematização sobre a construção dos gêneros para compreender o alcance limitado e restrito que a simples prescrição normativa do preservativo tem tido nas estratégias de prevenção. Os discursos sobre gênero ao descreverem e prescreverem o que homens e mulheres são, podem ou devem ser, sustentam naturalizações e universalizações dos padrões normativos vigentes. Assim, acredita-se, por exemplo, que é natural que homens sintam mais desejos que mulheres e tenham dificuldade em refrear seus impulsos sexuais, e que é também natural que as meninas sejam mais dóceis e submissas, de forma que a inabilidade da jovem em negociar o preservativo e do jovem em conter seus desejos imediatos dificultem o uso da camisinha nas relações sexuais (Meyer et. al., 2004, p. 61)

Meyer et. al. (2004) e Câmara (2007) afirmam que é importante considerar as revistas como artefatos pedagógicos que, além de ensinarem (ou não) como prevenir-se do HIV/aids, pelo uso do preservativo, também incorporam, re-produzem e veiculam representações de gênero.

Objetivo

Analisar a presença de padrões normativos de sexualidade e gênero nas matérias das Revistas Capricho e Playboy, buscando identificar a relação entre esses padrões e as informações transmitidas sobre o uso do preservativo e a prevenção ao HIV/aids.

Método

Este estudo é qualitativo-descritivo. Foram selecionadas 18 edições da Revista Capricho e 10 edições da Revista Playboy publicadas entre abril de 2010 e abril de 2011. Foi realizada uma leitura geral das revistas selecionadas, de forma a identificar como os padrões normativos com relação à sexualidade e gênero estavam presentes nas publicações. Foi feita a análise de conteúdo (Bardin, 1977) dos seguintes materiais: a Seção Sexo da Revista Capricho, a Seção Playboy Responde, da Revista Playboy e algumas matérias de ambas as revistas em que o tema principal fosse sexualidade.

Resultados e Discussão

As informações sobre prevenção são escassas. Quando estão presentes, são muitas vezes insuficientes, com uma ausência de contextualização e de discussão dos motivos que levam a não adoção do preservativo. Um exemplo é encontrado na Seção Sexo da Revista Capricho em que o tema foi “camisinha”. Nela são apresentados dados baseados nas respostas dadas por 18.395 leitoras em enquete realizada no site da Revista:

71% nunca transaram sem proteção; 41% acreditam que evitar gravidez é o principal motivo para usar camisinha; 6 entre 10 acham que o preservativo não muda a sensação de prazer durante o sexo; 8.128 não teriam vergonha de pedir para ele colocar; 37% não teriam coragem de comprar uma camisinha. (CAPRICHOS, abr/ 2010, p. 67).

A partir dos números trazidos, é possível interpretar que, 29% das leitoras já transaram sem proteção, 10.267 leitoras teriam vergonha de pedir para o parceiro colocar, 4 entre 10 leitoras acreditam que o preservativo muda a sensação de prazer durante o sexo, além da afirmação já dada de que 37% das garotas não teriam coragem de comprar a camisinha. Apresentar esses dados de forma solta e dispersa, sem contextualizá-las e sem trazer a discussão sobre quais são as motivações das leitoras para transarem sem camisinha, terem vergonha de comprar o preservativo e pedir ao parceiro para colocar é bastante preocupante. Em uma seção que se propõe a abordar e informar sobre sexo, não desconstruir crenças e representações que levam as leitoras a deixarem de usar o preservativo, por vergonha, por medo de desagradar o parceiro ou por acreditarem que terão menos prazer é uma falha grave.

Em ambas as revistas, é comum que se pressuponha que os leitores já saibam as informações, de forma que elas não são dadas. Esta situação pode ser exemplificada pela resposta a seguir, dada na seção “Playboy Responde”: “Você já foi apresentado à camisinha? Já? Bom, por não usá-la você em breve será apresentado a camisinhas de vestir bebês” (Playboy, mar/2010, p. 36). A pergunta “Você já foi apresentado à camisinha? Já?” aponta que o discurso da Revista é construído a partir da premissa de que não é necessário dar informações e esclarecimentos, já que todos conhecem sobre o assunto.

Mira (1997) e Câmara (2007) discutem que, como não há revistas que abordem dúvidas sobre sexualidade para adolescentes do sexo masculino, uma grande parte dos leitores das revistas masculinas adultas, como a Playboy, são os jovens. Assim, essa revista é um lugar onde os adolescentes buscam informações e é bastante problemática a ausência de uma abordagem adequada.

Câmara (2007) ao analisar as revistas masculinas aponta que os principais temas das matérias são sobre o prazer do sexo sem envolvimento afetivos, com o maior número de parceiras e experiências sexuais possível, com foco no desempenho, na qualidade técnica das relações. São muitas as dicas e instruções sobre o que fazer e não fazer durante o sexo, mas, entre essas recomendações, raramente é mencionado o preservativo. Segundo a autora, a intenção é não “estragar” o foco na experimentação no desejo com preocupações com prevenção. Nas edições de maio de 2010 e de outubro de 2010 da Revista Playboy, a prática do sexo oral foi descrita com a ausência do preservativo, já que ambas as matérias se referiram ao momento em que a parceiraingere ou não o esperma.

Enquanto a Revista Playboy evita abordar as relações sexuais de forma a remeter a preocupações, na Revista Capricho as preocupações e tensões são um foco central. Um exemplo disto é a Seção Sexo com o tema “Que Medo”. Nela, a associação entre sexualidade e medo, ao invés de discutida, debatida ou desconstruída, é normalizada, como pode ser notado na apresentação: “Se quase tudo que envolve sexo a deixa tensa, pode ficar tranquila: você não é a única!”. (Capricho, out/2010, p.76).

Os principais medos apresentados são: sentir dor e a camisinha estourar, durante a transa e engravidar. A figura de uma mamadeira é colocada lado a lado com a figura de uma camisinha, e ambas são graficamente bem parecidas. O preservativo é mencionado em um contexto negativo, associado ao medo, à tensão.

Na Revista Capricho é também frequente a associação entre a recomendação do preservativo e um modelo ideal de relacionamento. Esta associação pode ser exemplificada: “É claro: é importante escolher transar com um garoto de quem ela goste muito, usando camisinha!” (Capricho, out/2010, p. 76). Segundo Fischer (1996) os discursos de controle da sexualidade já não se fazem através da proibição e da negação, não se diz “não faça”, mas sim, através de uma estimulação que ao mesmo tempo incita e freia, com prescrições como essas identificadas na coluna de que precisa ser perfeito, especial, inesquecível, com a pessoa certa, estando o mais segura possível:

Esse momento tem tudo para ser gostoso. Para isso, você tem que estar o mais segura possível. Como? Escolhendo bem o garoto com quem vai viver isso e usando camisinha para evitar doenças e uma gravidez indesejada. (Capricho, abr/2010, p. 72).

Altmann (2005) discorre sobre como a recomendação do uso do preservativo vem acompanhada de muitas outras recomendações sobre como o relacionamento deve ser. A prevenção não é pensada para as múltiplas formas de relação sexual entre adolescentes, independente da orientação sexual, da forma de vínculo e da durabilidade.

Meyer et. al. (2004) questionam de que forma essas representações são suficientemente inclusivas para dar conta dos desafios da epidemia e até que ponto podem estar “contribuindo para aumentar os riscos vivenciados por aqueles e aquelas que não se incluem em suas descrições” (p. 73).

Enquanto na Revista Capricho é repetida com frequência a questão do momento certo e da pessoa certa, a Revista Playboy afirma: “O importante é que, no momento em que bate a vontade, qualquer hora é hora e qualquer lugar é lugar” (Playboy, mai/2010, p. 77). Para Altmann (2005) nos discursos para a adoção do preservativo, pressupõe-se a racionalização e a previsibilidade, o que contrasta com a representação da sexualidade masculina que associa a virilidade ao descontrole e à impulsividade: “qualquer hora é

hora e qualquer lugar é lugar”. Segundo Meyer et. al. (2004) é freqüente, inclusive nas campanhas preventivas, a representação de que os homens heterossexuais são, por natureza, dotados de um impulso sexual que não conseguem controlar, com uma incapacidade inerente de serem fiéis e uma necessidade irrefreável de ter várias parceiras ao mesmo tempo.

Na edição de setembro de 2010 da Revista Playboy, há na Seção Playboy Responde a questão sobre o risco de um homem contrair doenças sexualmente transmissíveis fazendo sexo oral na mulher. Na resposta, o urologista consultado diz que o ideal é que o sexo oral seja uma prática entre parceiros monogâmicos e comprovadamente sadios. É preocupante não haver uma descrição do que significa “comprovadamente sadios”, em um contexto em que o crescimento dos índices de contaminação do HIV e de doenças sexualmente transmissíveis se dá principalmente em relacionamentos heterossexuais estáveis, já que é forte a crença do amor e da confiança como preventivos. Seriam importantes instruções mais claras sobre como utilizar o preservativo no sexo oral, assim como informações sobre a necessidade da testagem entre parceiros que escolhem deixar de usar o preservativo, com indicações de locais, endereços eletrônicos e telefones, por exemplo. Na edição de outubro, diante de uma pergunta sobre os riscos da parceira ingerir o esperma (sexo oral), é respondido que não há riscos “no caso de vocês serem ambos saudáveis”. Mais uma vez está presente a afirmação de que não há problemas se os parceiros forem saudáveis, sem maiores esclarecimentos sobre o que significa “saudável”.

Em nenhuma edição analisada a Revista Playboy deu informações mais amplas e completas sobre as doenças sexualmente transmissíveis e as formas de testagem para identificá-las. A representação negativa da camisinha é naturalizada pela revista, como pode ser exemplificado pela resposta dada a um leitor que perguntava sobre a dificuldade de usar a camisinha com a namorada: “Quem não gosta de usar camisinha tem sempre a mesma queixa básica: na hora de colocar o preservativo perde-se o clima. Provavelmente é isso que está acontecendo com você, ainda mais depois da experiência prazerosa de transar sem nada” (Playboy, mar/2011).

Considerações Finais

É preocupante identificar que nestes materiais a forma de abordar a sexualidade seja superficial, sem esclarecimentos e permeada por tantos estereótipos e padrões normativos. Com relação ao gênero, é importante ressaltar o reforço da imagem de uma garota sempre preocupada em agradar o garoto, insegura e com medo com relação ao sexo, sem que sejam considerados seus desejos e vontades; e um garoto para o qual o modelo direcionado é de um ótimo desempenho sexual, um desejo incontrolável que ocorre independentemente do contexto. Essas representações contribuem para alimentar situações de vulnerabilidade. É importante estimular a reflexão crítica para a desconstrução desses padrões para que a sexualidade possa ser vivida de forma menos normativa e repressiva e também para abranger o alcance das estratégias preventivas.

Pastana, M., Maia, A.C.B. (2012) Discussions about gender and vulnerability from the analysis of the articles about sexuality in the magazines Capricho and Playboy. *Revista de Psicologia da UNESP 11(1)*, 60-66.

Abstract: *The concept of vulnerability permits the comprehension of the exposition to the infection of the HIV virus without reducing it to the focus in the individual behaviors of non-adoption of the preventive practices, but considering the cultural factors that participate of the context in which these behaviors occur. Among these factors, it is important to consider the gender issues. This qualitative- descriptive study had as an aim to identify the presence of normative patterns of sexuality and gender in articles and sections about sex and sexuality in 18 editions of the Capricho magazine and 10 edition of the Playboy magazine published in 2010, through the content analysis, discussing the relation between the patterns identified and the way how the information about prevention are transmitted by the magazines' discourses. It was discussed how the lack of information and the way how these patterns are crystallized can contribute to reinforce the vulnerability.*

Keywords: *Sexuality; Gender; Normative Patterns; Prevention; Vulnerability.*

Referências

- Albichequer, A. M. D. (2007). *"Só pega essa doença quem quer"?: tramas entre gênero, sexualidade e vulnerabilidade à infecção pelo HIV/aids*. Dissertação de Mestrado, não publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Altmann, H. (2004). *Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola*. Tese de Doutorado, não publicada, Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Câmara, A. P. (2007). *Gênero e Sexualidade na Revista Sexy: Um Roteiro para a Masculinidade Heterossexual*. Dissertação de Mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Fischer, R. M. B. (1996). *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. Tese de Doutorado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Franco, M. L. P. B. (2005). *Análise de Conteúdo*. Série Pesquisa, 6. 2ª edição. Brasília: Liber Livro Editora.
- Meyer, D. E. E.; Santos, L. H. S.; Oliveira, D. L. ; Wihelms, D. M. (2004). 'Mulher sem-vergonha' e 'traidor responsável': problematizando representações de gênero

Discussões sobre gênero e vulnerabilidade a partir da análise de matérias sobre sexualidade das revistas Capricho e Playboy

em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. *Rev. Est. Fem.* Florianópolis, v. 12, n. 2.

Meyer, D. E. E.; Klein, C.; Andrade, S. S. (2007). Sexualidade, prazeres e vulnerabilidade: implicações educativas. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, n. 46.

Mira, M. C. (1997). *O leitor e a banca de revistas: o caso da Editora Abril*. Tese de Doutorado não publicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Nolasco, S. (1993). *O Mito da Masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.

Recebido: 10 de fevereiro de 2012.

Aprovado: 16 de abril de 2012.